

Por todas as formas de amor

O psicodramatista diante das relações amorosas

ADELSA CUNHA E CARLOS ROBERTO SILVEIRA
(ORGANIZADORES)



POR TODAS AS FORMAS DE AMOR
O psicodramatista diante das relações amorosas
Copyright © 2014 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Salete Del Guerra**
Capa: **Alberto Mateus**
Produção editorial: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

PREFÁCIO	7
Wilson Castello de Almeida	
INTRODUÇÃO	11
Adelsa Cunha e Carlos Roberto Silveira	
1 O QUE É ISSO QUE CHAMAMOS DE AMOR?	17
Dalmiro Manuel Bustos	
2 OS PRIMEIROS AMORES	31
Maria Luiza Vieira Santos	
3 A VISÃO FEMININA DO AMOR: É PORVENTURA TUDO E TANTO?	43
Suzana Modesto Duclós	
4 A VISÃO MASCULINA DO AMOR	57
Irany Baptistela Ferreira	
5 HOMENS QUE AMAM HOMENS	67
Carlos Roberto Silveira	
6 MULHERES QUE AMAM MULHERES	79
Maria do Carmo Mendes Rosa	
7 A RELAÇÃO AMOROSA NA BISSEXUALIDADE	97
Elisabeth Sene-Costa e Rosilda Antonio	

8	AMORES VIRTUAIS	117
	Eni Fernandes	
9	O AMOR NÃO TEM IDADE	137
	Adelsa Cunha	
10	A DOR DA SEPARAÇÃO AMOROSA: AMOR E SOFRIMENTO	153
	Carlos Calvente	

Prefácio

As intermitências do amor

HÁ VÁRIAS MANEIRAS DE fazer um prefácio: registrar a carreira profissional dos autores, comentar o teor do volume prefaciado, percorrer o caminho da publicação desde seu nascimento, fazer resenha crítica antecipada e, por fim, criar artigo correlato ao assunto da obra, verdadeiro capítulo inicial.

Decidi pela última possibilidade, pois o meu DNA de filho de professores empurrou-me para a tarefa pedagógica de esclarecer, por pouco que fosse, o tema difícil proposto pelos que assinam este livro.

Formas de amor ou formas de amar, pouco importa a expressão, levam-nos a perguntar o que sejam o amor e o amar em seus significados substantivos.

Com essa preocupação, pude antever que os próprios escritos desta coletânea definiram-se pela visão da clínica psicológica, abrindo-se para os entendimentos filosóficos e culturais, com predominância das ideias fenomenológico-existenciais. É próprio da fenomenologia estudar o que se mostra em si mesmo. É o método do psicodrama.

Fator afetivo-emocional exclusivo dos seres humanos, o *amor lato sensu* é o que permite a aproximação generosa e gratuita entre os amantes, desdobrando-se em objetivos éticos do bem, do bom e do belo, e também os da coragem e da completude onde se dá o encontro das almas. É a trilha dos enamorados, precedida sempre pelo desejo, pela paixão e pelos idílios. Também é o que inspira as mais puras amizades e as mais virtuosas admirações pessoais.

Pela complexidade desse fenômeno, podemos iniciar pelo mais simples e mais primitivo enredo da humanidade desde os albores da sua história. Falo do vetor de caráter religioso, dirigido aos deuses e santos iluminados pela crença e pela fé. Esse é o *amor místico*. Foi a marca do apóstolo Paulo de Tarso para fundamentar sua pregação cristã, levando-o a inaugurar a civilização ocidental.

Em sequência virá o *amor universal*, a força energética necessária para manter unida a raça humana, o preceito maior dos sistemas filosóficos.

Depois falaríamos do amor amável, aquele que se coloca entre as pessoas de forma digna e criativa, permitindo a expressão da autoestima de cada componente dos grupos humanos, verdadeiro depoimento de vida.

O adjetivo “amável” nos diz do merecedor de afetos, admirado pela sua delicadeza. Ser amável é mostrar-se atraente, agradável e, se possível, encantador. Quem é amável é capaz de fazer troca de favores sem apetite de ganhos, é capaz do romantismo sem sexo, da sociabilidade sem interesses escusos, da sedução sem malícia e da solidariedade, dimensão buscada pela sociatria de J. L. Moreno. Aqui se registra o *amor familiar*, de pais, filhos e irmãos, em que se torna necessária a riqueza espiritual da espontaneidade e da criatividade.

A intimidade do amor relacional é o que incluiria emoções, sentimentos e comportamentos exercidos na fruição do prazer e do gozo, com o gosto de liberdade. Leiam-se as ideias de Espinosa (1632-1677).

Seguem-se daí o *amor cortês* da Idade Média e o *amor romântico* do século 19, direcionados para o casamento e a formação da prole.

Nessa altura do nosso conceitual, registre-se o amor erótico, expressão particular e única para quem o experimenta, a atração sexual por excelência, que estimula a união carnal sem exigir obrigações cartoriais.

Erótico é o mistério da natureza para promover a qualidade dos influxos amorosos, com repercussões corporais e espirituais. Erótico é o mistério das chamadas pulsões da vida.

Porém, não posso deixar de me referir ao erotismo, o amor errático, sob as injunções de espanto tão intenso, brilhantemente estudado por George Bataille (1897-1962) em seu livro clássico, *O erotismo*.

Por essa pesquisa, o erotismo, igualmente nascido de Eros, está timbrado pela sombra da morte. Puxando a fila do terror vem o enigma do incesto. Depois a volúpia, a luxúria, as noites de sabá, a adoração de Satã, os “ensinamentos” de Sade e Masoch, as perversões sedutoras, a violência sem pudor, as relações de regressão anímica, a promiscuidade dos ambientes secretos, o exercício do proibido, o prazer libertino, as disfunções sensuais e as transgressões virtuais dos dias de hoje e a fusão místico-erótica que foi dada a Santa Tereza D’Ávila experimentar.

Sem nenhuma pieguice, deve-se lembrar, como estímulo ao pensamento casto, quanto a pornografia, em suas várias formas, perturba a relação erótica, amorosa e natural, interferindo no real da relação com impulsos estranhos e confusos, tumultuando a vida particular de cada qual.

O livro bíblico das Previsões registrou com sabedoria milenar: “Isso é o que dificulta saber, cada vez menos, o que venha compor o ser humano” em sua vertente sexual.

Desde então surgiu o projeto terapêutico do *amor libertário*, criador de um dos mais complicados paradoxos: ao propor reconduzir o sujeito à normalidade utópica, a obrigação de ser normal enlouquece as pessoas. A sanidade mental estaria unida à liberdade de escolha, todavia no campo sexual não há essa possibilidade, não há como escapar do que a natureza já escolheu.

As religiões e suas igrejas são incisivas, propondo o recalque, não importando a doença, porém oferecendo o espírito e os costumes da cúria para suportá-la: o *amor sublimado*, assexuado, fraternal, platônico e terno.

As psicoterapias contemporâneas, a partir da psicanálise, propõem o tratamento que concilia (não a cura) a simplicidade do biológico e a complexidade pulsional das fantasias. Resposta aos desafios do desejo, a busca da relação amorosa no melhor sentido. Se há eros, há vida, haverá amor e modos civilizados de cuidá-lo. O psicodrama ajuda-nos nisso.

Neste livro, os mitos da sexualidade não são atravessados por excessos de histórias nem estão comprometidos com imposições de qualquer ordem. Trata-se de reflexões delicadas, nas quais o equilíbrio dos autores mostra a realidade enigmática enfrentada com bom-senso. Afinal, são todos profissionais maduros, formados na ética psicodramática, com vivência saudável concernida no juízo da opinião prudente e dos conselhos sábios. Apaixonar sem perder a razão, não acreditar na perfeição do amor, saber conter a inveja e o ciúme, oferecer o perdão, sopesar os sentimentos da infidelidade e não negar nunca a capacidade de amar como a arte da convivência e intimidade leais.

Com o pensamento claro e proposições objetivas, escritos escorreitos, os produtores do presente livro permitem o surgimento de dois lastros: o do valor individual de cada um e o do reflexo participativo e atuante do grupo que os une, o grupo autogerido de Bustos. Dalmiro Bustos, pela reconhecida competência, soube ocupar o seu lugar no psicodrama brasileiro, reunindo em torno de sua pessoa uma grei de psicoterapeutas valorosos, aqui representados.

Agradeço de coração a Adelsa e a Carlos Roberto pelo convite feito em nome de todos para prefaciá-los. Espero corresponder à expectativa amiga e calorosa. Meus parabéns e os votos de sucesso editorial.

WILSON CASTELLO DE ALMEIDA

Psicoterapeuta com formação em Psiquiatria, Psicodrama e Psicanálise

Introdução

NOSSE VÍNCULO FRATERNAL É antigo, construído entre choros, risos e fortes compartilhados vividos por longos anos como colegas de Grupo Autodirigido¹ de Dalmiro Bustos.

O interesse pelo tema nos uniu de forma especial no dia em que, numa dessas sessões, um componente do grupo comentou sobre sua emoção ao reencontrar, por acaso, seu primeiro amor, lembrando quanto tinha sido boa, porém difícil e dolorosa aquela relação. Imediatamente, essas emoções percorreram todos os componentes do grupo. A impressão de que todos queriam compartilhar suas histórias, a percepção de que as relações amorosas deixam marcas e criam um modelo de se relacionar afetivamente ficaram martelando nossa cabeça a tal ponto que, ao sairmos da sessão, nos reunimos para falar sobre o tema.

Durante algum tempo, entre nós, o assunto ficou germinando. Estava sempre presente em nossas conversas, especialmente quando falávamos de nossas reflexões como psicoterapeutas que diariamente retomam o tema por intermédio de seus pacientes, que são mobilizados pela perda, pelo medo de não encontrar, pelo desgaste de uma relação que já não faz sentido,

1. Grupo criado por Dalmiro Bustos, numa adaptação do modelo praticado por J. L. Moreno, em Beacon, para formar psicoterapeutas psicodramáticos. Diferencia-se dos demais grupos de psicoterapia porque o protagonista pode eleger qualquer dos componentes do grupo como o diretor de cena e porque a aprendizagem do papel de terapeuta está sempre em foco.

mas se teme romper, ou pelas dificuldades inerentes a certas relações como as homossexuais e as com grande diferença de idade, entre outras. Falávamos, enfim, de quanto essa relação é perseguida por todos os seres humanos, de tal forma que nos demos conta de que nenhum de nós dois tinha registro de algum paciente que não tenha esse tema como tema também protagônico² em sua vida.

Foi assim que, quando tivemos a oportunidade de fazer um trabalho no XVII Congresso Brasileiro de Psicodrama, desenvolvemos uma vivência cujo título era *O amor e o tempo*. Novamente constatamos a força mobilizadora desse tema e percebemos que as vivências de dores, alegrias e tristezas em relação ao amor são muito semelhantes nas pessoas de diversas gerações. Depois da vivência, fomos incentivados por muitos dos participantes – que relataram o poder transformador da dinâmica – a escrever e teorizar sobre o tema das relações amorosas, uma vez que, embora seja vasta a literatura sobre o assunto – poesia, romances, filosofia, psicologia –, em especial na psicanálise e na sociologia, pouquíssimas vezes o psicodrama se debruçou sobre ele.

Quando dizemos relações amorosas, aqui, estamos nos referindo especificamente às relações afetivo-sexuais, ao amor erótico. Não ao amor ao homem, ao próximo, que estaria mais para compaixão, pois não é exclusivo. Não ao amor fraterno ou filial, pois ele não nasce do livre-arbítrio – não escolhemos a família em que nascemos, mas de certa forma escolhemos a quem amamos. Não ao amor da amizade, que não envolve o desejo erótico, mas ao espaço imantado pelo encontro entre duas pessoas que se querem como corpo e alma. Não um corpo qualquer, que seria somente erotismo, mas um corpo específico, um corpo com alma, determinada pessoa. Essa estranha atração por uma

2. O tema protagônico é aquele que emerge do grupo ou de uma pessoa, em dado momento, como o de maior importância para ser trabalhado por aquele grupo ou por aquela pessoa.

única pessoa, que se deseja exclusiva e deseja exclusividade. Exclusividade essa que é em si, também, um grande mistério: por que amamos determinada pessoa e não outra? Pergunta profunda a que os amantes quase nunca conseguem responder.

Pergunta essa que ecoa há séculos, do banquete de Platão até hoje, à qual este livro não tem a pretensão de responder.

Usamos o conceito de amor erótico da filosofia clássica, que divide o amor em três esferas: amor *ágape*³, amor *philia* e amor erótico. É importante destacar que, sempre que a palavra “amor” for usada neste livro, estará referindo-se ao amor erótico. Partindo da genealogia de Eros, temos que Eros é filho de Pênia, a penúria, e de Poros, o expediente; logo, ele é busca, é falta, é desejo. Mas não um desejo qualquer: só há amor erótico se o desejo, em si mesmo indeterminado, se polarizar sobre um certo objeto que particularmente faz falta. Em essência, não há diferença se o chamamos de paixão ou de amor. Na verdade, essa distinção é feita, em geral, pela intensidade com que esse sentimento toma forma em nós. Quando mais intenso, arrebatador, que nos faz perder a cabeça, tendemos a chamá-lo de paixão. Quando menos intenso, mais terno, seguro e reconfortante, tendemos a chamá-lo de amor. Entretanto, os dois são amor erótico.

Somos psicoterapeutas, e nosso dia a dia nos obriga a encarar a universalidade dos conflitos e das angústias ligadas às relações amorosas. Afinal – lembramo-nos quando escrevíamos esta Introdução –, o que faz tanta gente assistir ao *show* de Roberto Carlos todo fim de ano? Sem dúvida, além de seu carisma pessoal, o fato de que suas músicas, praticamente todas, falam das dores de quem ama. Entretanto, se amar e lidar com essa necessidade de determinada pessoa é absolutamente

3. Amor *ágape* é o amor à humanidade, ao humano em geral, a qualquer homem. Muito próximo do que diz Jesus quando afirma: “Ama a teu próximo como a ti mesmo”. Amor *philia* é o amor da amizade; restrito a algumas pessoas específicas, não envolve o sexual.

normal, como, numa psicoterapia, entendermos os processos psíquicos envolvidos em tais questões? Como explicar certos comportamentos?

Encontramos respostas diversas: da ótica do narcisismo, da transferência, da ética moral, da religião etc. Mas, afinal, como psicodramatistas que somos, que explicações podemos apresentar para as relações amorosas? Como entendê-las de modo que se tornem mais espontâneas e criativas?

Nossa intenção é, por meio de um olhar psicodramático, refletir sobre os diversos aspectos envolvidos nessa relação, buscando encontrar respostas que contemplem as dores e os prazeres decorrentes das várias formas que essas relações podem assumir em suas diferentes manifestações. Não pretendemos criar uma teoria psicodramática sobre o amor nem oferecer fórmulas ou caminhos para atingir uma relação ideal ou para encontrar um amor. Muito menos abranger toda a amplitude que tais relações podem ter.

Para isso, optamos pela diversidade de olhares, convidando psicoterapeutas psicodramatistas para que, mediante sua prática e seu entendimento teórico, possam dar sua contribuição.

Por uma questão de uniformidade e fluência da leitura, optamos, sempre que possível, por colocar as referências bibliográficas no final de cada capítulo.

Fica aqui o nosso agradecimento a todos os coautores deste livro que gentil e prontamente aceitaram o convite para participar do projeto.

Esperamos que este livro seja útil para ampliar as reflexões sobre o amor, possibilitando a compreensão de que não existe uma forma única de amor ou de amar, mas várias, e de que todas são legítimas, pois, como diz Carl G. Jung, “nunca pergunte o que uma pessoa faz, mas como o faz. Se faz por amor, ou seguindo os princípios do amor, está servindo a algum deus. E não cabe a nós estabelecer quaisquer julgamentos, por se tratar de algo nobre”.

O leigo encontrará aqui, além de informações, a constatação de que a alegria, a dor, a angústia e o sofrimento não são sentimentos apenas seus.

Aqueles que atuam na área da psicoterapia poderão repensar a repercussão, em sua prática profissional, dos conceitos e preconceitos relativos às questões amorosas.

ADELSA CUNHA E CARLOS ROBERTO SILVEIRA

1. O que é isso que chamamos de amor?

Dalmiro Manuel Bustos

DEFINIR O QUE NÃO pode ser definido é um desafio que redundaria em fracasso se eu tentasse abranger todas as variáveis do tema. Amor, *amoré, amour, love, liebe...* Todos pronunciam esse sentimento desconhecido que é meta e essência, que nos condiciona e tortura, mas cuja presença dá sentido à vida.

Nesta tentativa de aproximar-me do tema, escrevi dois livros: *Perigo... Amor à vista* (2001) e *Manual para um homem perdido* (2011). Mesmo tendo certeza de que é como tentar controlar a passagem do tempo, não desisto de lidar com o assunto. Os poetas o fazem melhor que ninguém, pois seu pensamento responde à arte, cujas regras do jogo são muito mais amplas e abrangentes que qualquer tentativa científica de compreensão do amor. Mesmo assim, trata-se do sentimento mais trilhado e menos claramente definido.

Para conectar-me com ele, situo-me no lugar das minhas próprias vivências. Lugar perigoso devido à subjetividade, mas valioso pelo mesmo motivo.

A primeira coisa que me vem à mente ao evocar o amor por meio de seu vocábulo é uma sensação de suave segurança. Por trás dos meus medos, minhas dores, ilusões e desilusões, sempre senti que em algum momento a luz voltaria. Nunca evitei os desafios, mas sempre senti algo inefável que minha irmã menor, Beatriz, apontou em um poema dedicado à nossa mãe: “Com teu amor caminhamos” (do espanhol, “Con su amor de la mano”).

Também procurando a etimologia, deparamos com o fato de que a partícula de negação *a* (sem) é seguida por *mor* (morte, do latim